

Sexo nas profundezas

Nenhum de nós pode ter a certeza absoluta de ser o pai das crianças e crias que as nossas companheiras trazem ao mundo. Se jamelefantes, doninhas, tubarões ou humanos, todos poderiam ficar na dúvida (o que não quer dizer que fiquem), mesmo com os famosos testes de ADN. Mas... há uma criatura cujo macho pode ter mesmo a certeza de que não é só pai na certidão de nascimento dos filhos – o cavalo-marinho. É verdade que as negociações com a mãe natureza para obter este privilégio não foram fáceis e, no fim, este estranho peixe acabou por ter de aceitar suportar a gravidez e passar pelo martírio do parto. Realmente, em todas as quarenta e tal espécies de cavalos-marinhos (género *Hippocampus*) o macho aceita e fertiliza os ovos, oferecidos pela fêmea após um curto namoro, numa bolsa localizada na parte anterior do abdómen. Mas o papel de pai extremo termina cedo, já que ao fim de cerca de duas semanas liberta as dezenas de pequenas crias e vai à sua vida sem sequer combinar o valor da mesada.

A imensidão dos oceanos coloca muitos desafios a animais cujo objetivo maior na vida é deixar descendência. Se até para a baleia a procura de parceiro, o namoro e o casamento são tarefas notáveis, o que dizer daqueles que têm poucos centímetros de comprimento? Só com muito engenho e quilómetros de vontade conseguem superar alguns obstáculos. É o caso do argonauta (*Argonauta argo*), primo próximo do polvo, cujo pénis, talvez desesperado com a lentidão do seu dono em travar novos conhecimentos ou com a escassez de fêmeas nas proximidades, se destaca e nada sozinho à procura de uma fêmea para copular. Com a emancipação de um órgão tão eminente o macho fica debilitado e deprimido, morrendo alguns meses mais tarde. Talvez por saber deste fim tão triste, alguns crustáceos, como os mexilhões, lampas e percebes, com uma compreensível dificuldade em se deslocarem às discotecas para procurar uma companheira, resolveram acrescentar tamanho ao seu pénis, mas sem lhe dar autonomia total. Certas espécies chegam a ter o órgão genital com mais de cinquenta vezes o tamanho do corpo, sendo capaz de ir à casa da vizinha sem deixar a poltrona onde está a ver a final do campeonato.

Outras espécies de cefalópodes (família dos polvos), que têm o seu órgão reprodutor na extremidade dos tentáculos, conseguem, durante a cópula, mostrar

A vida sexual dos peixes não é um mito. Nem uma piada. O veterinário e escritor **George Stilwell** dá-nos umas luzes sobre o comportamento amoroso lá no fundo.

cores atrativas e aprazíveis no lado virado para a namorada, enquanto do outro lado mostram cores desinteressantes semelhantes ao ambiente para evitar chamar a atenção de rivais ou predadores que interromperiam a festa no seu melhor. Aliás, as cores parecem ser bastante importantes em muitas destas escamosas relações conjugais. Os machos dos barrigudinhos ou *guppies* (*Poeciliareticulata*) apresentam um arco-íris de cores irradiantes que se destinam a convencer as fêmeas do seu valor como futuros paizinhos. A percepção que cada macho tem dos potenciais estéticos de certas partes do seu corpo é impressionante – numa experiência comprovou-se que os machos mostravam à pretendente mais o lado com cores vermelhas e alaranjadas, que se sabe serem as preferidas das *guppies top-models*.

Se a cor, brilho e luz são essenciais para alguns, são completamente irrelevantes ou mesmo desconhecidos para outros. É o caso de certos peixes abissais – os que vivem nas zonas mais profundas dos oceanos, onde a luz solar tem dificuldade em chegar – que praticamente não usam a visão para se orientar. Ora, num ambiente em que é mais difícil encontrar uma fêmea do que um euro num banco grego, as oportunidades não podem ser desperdiçadas. Com esta máxima em mente, os pequenos machos de certas espécies fecham as mandíbulas na primeira fêmea que lhes aparecer à frente e acabam por se fundir ao corpo do cônjuge – autenticamente amarrados até que a morte os separe. A matriarca passa assim a carregar um autêntico macho/testículo cuja única missão é fornecer sêmen sempre que for preciso. O divórcio deve ser um problema,

mas, em compensação, a poligamia é aceite, já tendo sido pescadas fêmeas com mais de dez machos alegremente incorporados na matrona.

Para algumas espécies, o grande objetivo é perpetuar os genes numa descendência abundante e bem-disposta, nem sequer se preocupando em garantir um pouco do prazer que costuma resultar do contacto físico. Nestas espécies, a que chamaria platónicas, a tarefa de propor casamento geralmente cabe ao macho. Há uma imensidão de truques para o conseguir, mas um dos grandes peritos é o esgana-gata (*Gasterosteus aculeatus*), cujo macho poderia garantir o prémio Pritzker de arquitetura se alguém o convencesse a concorrer. Com pedras (e lembrem-se de que não há mãos quanto mais polegares oponíveis), conchas e algas é construída uma mansão que é vigiada e aprimorada constantemente pelo dono. Quando uma fêmea passa na vizinhança, o macho convence-a com falinhas mansas a entrar e a depositar o seu carregamento de óvulos. Logo a seguir expulsa-a e, no orgulho da sua solteirice, deposita os espermatozoides, vigia a prole e educa os filhotes.

Se entre nós a decisão sobre o género a figurar no cartão de cidadão cabe à enfermeira que na maternidade coloca a cruz à frente do M ou do F, no caso de algumas espécies as coisas são mais complicadas. Peixes como o mero (*Epinephelus itajara*) têm de esperar bastante para adquirir a experiência e a sabedoria que lhes permitem ser admitidos ao elevado estatuto de macho – indivíduos com menos de 20 anos são geralmente fêmeas e apenas os mais possantes e saudáveis passam a machos. As mudanças hormonais por detrás de tão radical mudança são ainda pouco conhecidas, mas há uma série de particularidades que ainda tornam mais interessante esta capacidade. Um desses pormenores é o de a fêmea maior do grupo poder passar mais cedo a macho (mesmo não tendo garantido o tamanho e a sabedoria normalmente associados à mudança de sexo) quando o patriarca desaparece ou morre.

Também nos oceanos vive uma das poucas famílias conhecidas que se envolvem em atividade sexual sem o propósito de se reproduzir. Em terra firme somos nós e alguns primatas superiores e nas águas são as diversas espécies de golfinhos.

Após todos estes relatos é natural pensar que o sal perturba a mente e que no mar vivem uma série de depravados sexuais. No entanto, todos estes comportamentos e subterfúgios não são mais do que formas que a natureza encontrou para aumentar a diversificação que permite ocupar todos os *habitats* e nichos. Vasculhar a vida privada de todas estas espécies é não só uma prova de empatia para com os seres que conosco partilham o planeta, mas também a certeza de que teremos conhecimentos necessários para poder intervir, se necessário, para preservar as formas de vida que garantem a sustentabilidade dos ecossistemas e, por isso, a nossa própria sobrevivência. ●

George Stilwell é veterinário, professor universitário e autor de seis livros sobre a vida animal – o último, *Quando os Macacos de Apaixonam* (ed. Esfera dos Livros), debruça-se sobre os comportamentos afetivos e reprodutivos de várias espécies.